

Viva o SUS, viva a ciência: análise de imaginários no início da vacinação contra a Covid-19 no Twitter¹

Luana Chinazzo Müller²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo analisa os imaginários que emergiram no Twitter durante o início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil. Utiliza-se a análise discursiva de imaginários para o exame das publicações mais compartilhadas entre os dias 14 e 21 de janeiro de 2021 com objetivo de desvelar o que gera significação ao real. O exame qualitativo de tópicos emergentes evidencia que o período analisado foi marcado por uma vitória simbólica da ciência. Nas mensagens, a exaltação à ciência e ao Sistema Único de Saúde (SUS) se sobrepôs e silenciou os embates ideológicos, a desinformação e o negacionismo. Elementos humorísticos, como memes e ironia, foram usados para expressar opiniões e ressignificar o contexto pandêmico, enquanto preocupações com atrasos na vacinação e críticas à gestão governamental também surgiram.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; imaginário; Twitter; vacinação; Covid-19.

INTRODUÇÃO

A pandemia evidenciou não apenas desafios da ciência e da saúde pública, mas também problemas relacionados ao complexo ecossistema midiático (MCLUHAN, 1964; SHIRKY, 2011; LOGAN, 2019) no qual estamos inseridos, marcado por aspectos como a significativa oferta de conteúdo, a desinformação, a sociabilidade on-line e a articulação de algoritmos. A análise de imaginários relacionados a discursos de esperança, resistência, negacionismo e desinformação ajuda a compreender as dinâmicas e os desafios da comunicação de saúde nesse contexto, reforçando a importância da divulgação científica para o engajamento em relação às políticas públicas de saúde.

Nosso objetivo é analisar os imaginários que emergiram em conversações no Twitter durante o início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil. Para isso, escolhemos os dias que antecederam e sucederam esse importante marco para compor o

¹ Trabalho apresentado no GP 10 Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS em cotutela com a École Doctorale 60 Territoires, Temps, Sociétés et Développement, Département de Sociologie, na Université Paul-Valéry – Montpellier 3. Bolsista Capes. E-mail: luana.muller@edu.pucrs.br.

nosso *corpus* de análise, entre 14 e 21 de janeiro de 2021. Nosso objeto empírico é o Twitter, uma mídia social que cristaliza afinidades conectivas (SUSCA, 2019). Ou seja, trata-se de um ambiente virtual onde os vínculos não mais repousam na argumentação racional dos contratos sociais, mas nos pactos afetivos, na emoção e nos símbolos compartilhados. Pensamos a plataforma como uma tecnologia do imaginário (SILVA, 2003), isto é, um dispositivo que dinamiza e cristaliza mitos, sentimentos, visões de mundo, estilos de vida e tudo mais que mobiliza os indivíduos. São esses elementos, que emergem a partir do excedente de significação do real, que compõem a dimensão imaginária que buscamos desvelar com o auxílio de ferramentas disponibilizadas pela análise discursiva de imaginários (SILVA, 2019).

Para esta pesquisa, foram coletados os seguintes termos relacionados à vacinação contra a Covid-19: *vacina*; *coronavac*; *vacinacao*; *astrazeneca*; *vacinada*; *monica+calazans*; *#vemvacina*; *viva+sus*; *vivaosus*; *vacinaja*³. O exame qualitativo de tópicos emergentes que se destacam nos 100 *tweets* mais compartilhados evidenciam que o período analisado foi marcado por uma vitória simbólica da ciência. Nas mensagens, a exaltação à ciência e ao Sistema Único de Saúde (SUS) se sobrepôs e silenciou os embates ideológicos, a desinformação e o negacionismo.

CONTEXTO

Desde o surgimento do Sars-Cov-2, cientistas em todo o mundo se dedicaram ao desenvolvimento de vacinas contra a doença. No Brasil, alguns imunizantes ganharam destaque na mídia devido a testes conduzidos no país ou por terem sido negociados para aquisição por governos em diferentes instâncias. A CoronaVac, desenvolvida pela empresa chinesa Sinovac em colaboração com o Instituto Butantan e o governo estadual de São Paulo foi amplamente abordada sobretudo por causa de disputas político ideológicas em torno dela.

A partir do anúncio da parceria para o desenvolvimento da CoronaVac, observou-se uma intensa politização em torno desse imunizante e em relação à vacinação como um todo. O presidente Jair Bolsonaro, com o intuito de hostilizar o governador paulista João Dória, realizou diversos ataques à vacina. Inicialmente, as

³ A coleta e mineração dos dados foram realizadas pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

investidas ocorreram de forma velada, como no episódio em que Bolsonaro exaltou a negociação entre a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade de Oxford para o desenvolvimento da vacina AztraZeneca, salientando que o imunizante não era “daquele outro país”, em referência à China. Depois, ele passou a atacar diretamente e a afirmar que ela não seria comprada, além de comemorar quando os testes tiveram que ser interrompidos após a morte de um dos voluntários (GULLINO, 2021). Por outro lado, Dória exaltou a CoronaVac e vinculou sua imagem a ela, divulgando prazos e dados antecipadamente, que não foram posteriormente confirmados (RECUERO; SOARES, 2022; CARVALHO et al., 2022 MÜLLER, 2021).

O embate em torno desse imunizante foi amplamente noticiado pelos veículos de comunicação e discutido pela sociedade, que se polarizou entre os que afirmavam que não iriam se vacinar e os que defendiam a vacinação. Além disso, a cobertura midiática foi caracterizada pela antecipação de informações incompletas e por erros jornalísticos. A ausência de transparência acerca da natureza temporal da ciência, que difere do ritmo midiático, e da sequência de etapas do método científico, que compreende revisões e verificações pelos especialistas da área, levou a situações em que fases normais do processo científico foram apresentadas como falhas ou submetidas a questionamentos. Essa dinâmica aumentou a insegurança e alimentou o debate público sobre as controvérsias políticas, resultando em hesitação em relação às vacinas (CUNHA; MÜLLER, 2021; GALHARDI et al., 2022; MASSUCHIN et al., 2021).

Em análise sobre a influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19 que circulou pelo WhatsApp entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, Monari e Sacramento (2021) verificaram que predominavam as teorias da conspiração. Entre elas, os autores destacam as afirmações de que o imunizante alteraria o código genético humano, que a presença de metais tóxicos transformaria o corpo humano em uma antena com sinal 5G e que ela seria capaz de coletar dados biométricos e armazená-los na nuvem. Nos conteúdos, o governador de São Paulo fazia parte de uma elite, formada também por cientistas, que teria o intuito de impedir escolhas pessoais do indivíduo. Os discursos empregaram a lógica – típica do populismo em relação à ciência – do “nós” (povo) versus “eles” (elite), mas também na associação xenófoba entre o vírus e a China.

Outra pesquisa, realizada pelo laboratório MIDIARS entre março e dezembro de 2020, evidenciou o enquadramento político-ideológico da CoronaVac. A discussão da

confiabilidade do imunizante envolveu sua origem, já que são utilizados insumos chineses e ele foi desenvolvido por uma empresa da China. O produto seria mais uma etapa em um complô do país asiático “comunista” na fabricação e disseminação do vírus, que agora lucraria com a venda de imunizantes. O estudo indicou também que a conexão da desinformação com a base bolsonarista, ao observar picos na circulação pelo WhatsApp após os pronunciamentos de Bolsonaro em rede nacional. Enfim, o relatório aponta que a desinformação sobre a vacina tinha quase 1,5 vez mais chances de ser retuitada quando reproduzida por uma autoridade de saúde (RECUERO et al., 2021).

Foi nesse contexto que a vacinação iniciou no Brasil em 17 de janeiro de 2021, logo após as aprovações dos usos emergenciais (dos dois imunizantes mencionados) pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Uma enfermeira que atuou na linha de frente cuidando de pacientes na pandemia, Mônica Calazans, foi a primeira pessoa a ser vacinada contra a Covid-19 fora dos testes clínicos no Brasil, com a CoronaVac. A aplicação envolveu um ato simbólico organizado pelo governador Dória, no Instituto Emílio Ribas (São Paulo-SP), para dar início à campanha de vacinação contra a Covid-19 no país. Alguns dias depois, em 23 de janeiro, a imunização com a AstraZeneca também iniciou com uma dose aplicada no infectologista Estevão Portela, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (Rio de Janeiro-RJ). Ambos os eventos foram amplamente midiáticos, mas a votação e aprovação dos usos pela Anvisa seguido do início efetivo da campanha de vacinação com a CoronaVac foi um acontecimento que certamente ficará marcado na história do nosso país. Transmitido ao vivo pelos meios de comunicação tradicionais e narrado e discutido intensamente pelas mídias sociais, foi acompanhado por um clima de expectativa e esperança.

TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO

Segundo as reflexões de Silva (2003, 2017), o conceito de imaginário transcende a mera significação, sendo o excesso de sentido que permeia a realidade. Este fenômeno, de natureza involuntária, emana do âmago do real, agindo como uma espécie de filtro que distorce as experiências vividas, preenchendo os vazios racionais. Desta forma, o imaginário não pode ser reduzido a uma simples criação da imaginação ou uma manifestação irracional, tampouco é fictício ou desprovido de veracidade.

O imaginário emerge como uma força que lança luz sobre os eventos, influenciando-os positiva ou negativamente ao acrescentar camadas de significado que vão além da interpretação original. Ao aplicarmos esta perspectiva à investigação sobre o imaginário da vacinação contra a Covid-19, percebemos que o imaginário pode ser identificado na forma como são qualificados os discursos sobre a temática em análise. Elementos como adjetivos, hipérboles, metáforas, comparações e jogos de palavras presentes nos textos revelam pistas que nos ajudam a desvendar os sentidos atribuídos e contribuem para a solidificação de visões de mundo.

Embora seja impossível impor ou controlar o imaginário, ele não emerge do nada. Pelo contrário, circula e se cristaliza por meio do que podemos chamar de Tecnologias do Imaginário, dispositivos que atuam como geradores de mitos, visões de mundo e estilos de vida, como apontado por Silva (2003). Essas tecnologias não apenas constroem laços sociais, mas também cristalizam sentidos, alimentando os domínios semânticos, nutrindo as jornadas antropológicas e arraigando-se no âmbito afetivo e simbólico da experiência humana.

A contemporaneidade é vista de uma perspectiva pós-moderna, através da lente da “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2017), onde as Tecnologias do Imaginário transcenderam sua função meramente informativa, povoando e moldando o universo mental. É importante notar que essas tecnologias não buscam manipular ou controlar, mas sim seduzir e conquistar a adesão. Contudo, Silva (2003) ressalta que, mesmo quando estimulado por tais tecnologias, o imaginário mantém uma margem de independência absoluta, um toque de mistério e irredutibilidade, o fictício e o aparentemente inútil, escapando do controle absoluto do agente tecnológico emissor.

O autor identifica três momentos de construção imaginal ligados a tecnologias dominantes: a fase primitiva (teatro, poesia oral, mitos, fábulas), a fase industrial (rádio, televisão, mídia, propaganda) e a fase pós-industrial ou virtual (internet, publicidade). As tecnologias podem ser “limpas” ou “poluentes”, não só materialmente, mas especialmente ao influenciar o universo simbólico, induzindo o imaginário. Existe ainda uma fase pré-industrial, marcada por livros e imprensa, mais leve e local. A Internet é vista como um retorno ao limpo e ao leve.

Na pós-modernidade, a web combina tecnologia avançada com características arcaicas (interação, diversidade, relações interpessoais). A estética para Silva (2003) é publicitária, caracterizada por leveza, aceleração, diversão e ludicidade. A Internet

incorpora tudo isso e mais. Em mais de 20 anos, o cenário digital mudou e outros aspectos da web sobressaíram. O ideal de autonomia e liberdade que se vislumbrava foi soterrado pelos algoritmos e as infinitas possibilidades previstas pela globalização foram reprimidas em plataformas que controlam os dados (e quem sabe imaginários?) de bilhões de usuários.

IMAGINÁRIOS DA VACINAÇÃO

Durand (2012) já havia sinalizado que os discursos são chave para acessar imaginários uma vez que é por meio deles que os conjuntos de imagens são descritos. Ele enfatiza que tais imagens encontram expressão nos mitos – narrativas em que os símbolos se convertem em palavras e os arquétipos em ideias. Isso implica que todo imaginário, em última instância, é um discurso. Dessa forma, produtos midiáticos nos ajudam a apreender como cada fenômeno é compreendido pelas pessoas para além do que está racionalmente posto.

Para descobrir o imaginário nesta pesquisa, optamos por uma metodologia própria a esse objetivo, a análise discursiva de imaginários (ADI). Trata-se de uma abordagem derivada da sociologia compreensiva que intenta cercar o objeto analisado, desconstruindo-o e removendo as camadas que o recobrem, como em um processo arqueológico. O método proposto por Silva (2019) oferece ferramentas para analisar discursos ou seus fragmentos a partir de Tópicos Emergentes (TE) que fazem emergir a dimensão sensível do conteúdo. Nisso, assemelha-se a outras metodologias voltadas ao conteúdo e discurso, pois os TE são estipulados a partir da categorização do material analisado. Todavia, a ADI possibilita um olhar sem amarras, que focaliza não só o conteúdo manifesto, mas os significados latentes e convoca o pesquisador a questionar o texto em relação ao contexto social, político e cultural em que está inserido.

Os dados que compõem nosso *corpus* foram coletados pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por meio do Ford. Este *software* se conecta à API – *Application Programming Interface* (em português, Interface de Programação de Aplicação) – do Twitter e coleta até dez termos simultâneos. Nesta tese, foram coletados os seguintes termos relacionados à vacinação contra a Covid-19: *vacina; coronavac; vacinacao; astrazeneca; vacinada; monica+calazans; #vemvacina; viva+sus; vivaosus; vacinaja*. O período temporal, como já mencionado, foi a primeira

semana de vacinação no Brasil, entre 14 e 21 de janeiro de 2021. Ao todo, foram 4,9 milhões de *tweets* coletados, sendo 3,2 milhões RTs. Após processamento dos dados, escolhemos focar nossas atenções nos 100 *tweets* mais compartilhados dentre a amostragem. Destes, sete não tinham de fato relação com a vacinação e 13 estavam indisponíveis seja pela suspensão da conta do usuário que publicou ou pelo apagamento do conteúdo. Portanto, na relação final do *corpus*, consideramos 80 *tweets*.

A análise dessas publicações sobre a vacinação contra a Covi-19 revela uma série de sentimentos, opiniões e percepções que desvelam a maneira como as pessoas se relacionam com a imunização. O TE “Combate à Desinformação” se destaca com a maior contagem, indicando um momento em que muitos usuários confrontaram informações falsas e enganosas relacionadas às vacinas. Na maioria desses *tweets*, o tom é irônico e há a comparação com outros produtos e práticas para se questionar um possível medo dos imunizantes. Como no exemplo: “‘Você confiaria numa vacina da Rússia?’ meu filho eu já comi muito miojo e salgado em rodoviária nessa vida pra ter esse tipo de critério”, que foi compartilhado 40,8 mil vezes.

Enquanto 79 dos *tweets* apresentaram uma visão positiva da vacinação, apenas um questionou a imunização e reforçou o discurso negacionista. O conteúdo, compartilhado 14,4 mil vezes, diz: “A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA - Para o meu Governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA. - O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM”. Esta também é a única postagem entre as analisadas que defende o governo federal de Jair Bolsonaro. Enquanto isso, cinco mensagens criticam-no explicitamente e quatro exaltam o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou seu partido político, o PT.

São recorrentes, também, mensagens de exaltação da ciência, das instituições públicas e do SUS. Elas evidenciam um sentimento de orgulho e gratidão em relação àqueles que estão envolvidos no desenvolvimento e na distribuição das vacinas. Isso demonstra uma valorização da ciência, dos cientistas e da dos profissionais de saúde na luta contra a pandemia. Ao mesmo tempo, há uma expectativa positiva em relação a como a vacinação afetará a vida das pessoas e ao retorno a “normalidade”.

Os *tweets* são frequentemente acompanhados de memes e outros elementos que exaltam o perfil cômico do Twitter. Isso demonstra que as mídias sociais têm sido uma

plataforma para expressar opiniões de forma humorística e irônica. Por meio de elementos engraçados, as pessoas manifestam tanto apoio quanto críticas à vacinação e podem ressignificar um período tenso como o da pandemia.

Paralelamente, além dos memes, o tópico explicação/informação emerge indicando que há uma busca por compreender o funcionamento dos imunizantes aprovados pela Anvisa, especialmente no que refere a suas eficácias. Esses *tweets* informativos podem ajudar a dissipar a desinformação e fornecer um contexto mais claro para o público. Contudo, eles agem também como um contraponto à empolgação, em uma tentativa de equilibrar as expectativas. Enquanto muitos estão ansiosos pela vacinação, essas mensagens relembram a importância de ser realista em relação ao cronograma e à complexidade envolvida na distribuição e administração das vacinas e que a vacinação teria que avançar por muitos grupos para que o vírus pudesse ser contido. Essa abordagem mais cautelosa pode ser vista como uma tentativa de fornecer uma perspectiva mais calma diante das emoções do público, mas também indica certo grau de problematização (mesmo que justa) própria da rede social analisada.

Há ainda a presença do sentimento de atraso do Brasil em comparação a outros países que conseguiram iniciar suas campanhas de vacinação de forma mais eficaz e rápida. Essas mensagens carregam também o descontentamento com a gestão da pandemia do governo Bolsonaro e com a postura do então ministro da Saúde Eduardo Pazuello.

Tabela 1 – Tópicos emergentes mais frequentes

Tópico emergente	Exemplo de <i>tweet</i>
Combate à desinformação	<i>Atenção: Mais de 1.100.000 de pessoas já receberam vacina contra o COVID em 4 países diferentes. As vacinas causaram 3 reações alérgicas relevantes, os 3 já se recuperaram e estão bem. Nesse intervalo de tempo o COVID matou mais de 90 mil pessoas. Lembrem dessa comparação.</i>
Humor	<i>Gente, por favor, não confundam. A vacina da Pfizer é a que transforma em jacaré. A Coronavac é a que insere um chip de monitoramento comunista.</i>

Política	<i>Parabéns aos pesquisadores que abandonaram quase um ano todo da própria vida pra se dedicarem numa vacina que salvará muita gente que foi deixada pra morrer pelo governo federal, estadual e municipal. Fizeram milagre num contexto de destruição da universidade e do financiamento.</i>
Expectativa	<i>Agiliza aí vacina pq em junho eu quero dançar forró beijando</i>
Comparação	<i>minha filha você bebia vodka natasha com o gelo de dentro do isopor de um ambulante ENTREGUE PELA MÃO QUE ELE PASSAVA O TROCO no auge do sábado de carnaval e agora tá com medo da vacina chinesa</i>
Exaltação	<i>Histórico. Viva o SUS! [link com imagem da primeira pessoa vacinada no Brasil]</i>
Contra Bolsonaro	<i>Para que não se esqueça: Jair Bolsonaro não teve NENHUMA PARTICIPAÇÃO no sucesso da vacina. Nenhuma. Jair Bolsonaro não é responsável por NENHUMA GOTTA da vacina.</i>
Pró-Lula e PT	<i>Se a minha vida ainda estivesse sendo destruída pelo PT, certeza que eu já estaria vacinada.</i>
Brasil atrasado	<i>argentina: tomando vacina e legalizando o aborto bra: sil</i>
Eficácia	<i>A Coronavac foi anunciada com 78% de eficácia, sendo que 100% em casos graves. Vi que muita gente não tá entendendo o que isso significa, e alguns até considerando 78% “pouco”, então vou tentar explicar de uma forma simples pra que todos entendam. Segue o fio...</i>
Explicação/Informação	<i>Os principais desafios do sistema público de saúde no pós vacina: [link indisponível]</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Em resumo, os imaginários que permeiam as publicações mais compartilhadas no Twitter no início da vacinação contra a Covid-19 refletem uma variedade de emoções, visões de mundo, crenças e ideologias que são manifestadas nas significações dadas pelos usuários ao acontecimento. Se a desinformação com todos os seus fenômenos ganhou força e se destacou durante a pandemia, na semana em que focamos esta análise, ela parece ter sido silenciada por uma grande onda de otimismo, expectativa e fé na ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo discurso escancara ou, discretamente, aponta visões de mundo. Nos textos analisados, tópicos relevantes emergiram, delimitando contornos dos imaginários encobertos. Por meio da análise discursiva de imaginários, podemos explorar as camadas profundas de significado que permeiam as conversas on-line, revelando como as pessoas expressam suas emoções, crenças e visões de mundo. As publicações compartilhadas no Twitter durante o início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil revelam um pouco sobre a complexidade da interação entre ciência, saúde pública, política e comunicação midiática. No cenário da pandemia, tornou-se evidente que o ecossistema midiático desempenha um papel crucial na formação de percepções e opiniões, muitas vezes amplificando discursos de esperança, resistência, desinformação e negacionismo.

O embate político-ideológico em torno dos imunizantes e da imunização foi uma característica marcante desse período. As redes sociais serviram como um palco para a polarização entre aqueles que exaltavam a ciência, o SUS e a importância da imunização, e aqueles que propagavam desinformação, teorias conspiratórias e ataques à ciência. A retórica política se entrelaçou com os debates sobre as vacinas, com personalidades públicas se posicionando a favor ou contra, muitas vezes influenciando a opinião pública. O papel do ex-presidente Bolsonaro, seus embates com outros políticos e a exaltação de determinados imunizantes foram temas recorrentes nas discussões.

A presença constante de memes e elementos humorísticos nas conversas sobre vacinação revela a natureza peculiar da comunicação nas mídias sociais. O humor serviu como uma ferramenta para expressar apoio e crítica e para ressignificar um momento emergencial. Ao mesmo tempo, os usuários buscavam informações e

explicações sobre as vacinas, evidenciando a importância da divulgação científica para combater a desinformação.

A valorização da ciência, dos cientistas e dos profissionais de saúde se destacou nos discursos analisados, refletindo um sentimento de orgulho e gratidão pelo desenvolvimento e distribuição das vacinas. Esse elemento revela a confiança depositada nas instituições públicas, como o SUS, e a esperança de que a vacinação pudesse representar um caminho para o retorno à normalidade. Por outro lado, as preocupações com atrasos na vacinação em comparação com outros países e as críticas à gestão da pandemia pelo governo também foram temas centrais nas conversas.

Em suma, esta pesquisa nos proporciona uma visão abrangente das percepções e sentimentos que permearam as relações sociais nesse momento histórico. Ela reforça, ainda, que é possível conter a desinformação mesmo em ambientes nos quais ela é constantemente presente e intensificada. Para isso, destaca-se a importância de uma comunicação eficaz, baseada em dados científicos, para enfrentar desafios como o negacionismo e a hesitação vacinal, além de promover o engajamento público com as políticas de saúde.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, E. M. *et al.* Vacinas e redes sociais: o debate em torno das vacinas no Instagram e Facebook durante a pandemia de COVID-19 (2020-2021). **Cad. Saúde Pública**, v. 38, n. 11, 2022.

CUNHA, M. R. da; MULLER, L. C. As vacinas e a desinformação no ecossistema da mídia. *In*: ALMEIDA, M.; TYMOSHCHUK, O.; MACIEL, S. **Comunicação, saúde e acessibilidade**. Aveiro/Portugal: Ria Editorial, 2021.

GALHARDI, C. P. *et al.* Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil Fake. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022.

GULLINO, D. Veja 10 vezes em que Bolsonaro criticou a CoronaVac. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 jan. 2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: 2017.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LOGAN, R. K. Understanding Humans: The Extensions of Digital Media. **Information**, v. 10, n. 10, 304, MDPI AG, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/info10100304>. Acesso em: 30 maio 2022.

MASSUCHIN, M. G. *et al.* A estrutura argumentativa do descrédito na ciência: uma análise de mensagens de grupos bolsonaristas de Whatsapp na pandemia da COVID-19. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Unisinos, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p.160-174, maio/ago. 2021.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo. Editora Cultrix. 1964.

MONARI, A. C. P.; SACRAMENTO, I. A “vacina chinesa de João Doria”: a influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, set./dez. 2021.

MÜLLER, L. C. Enquadramento da CoronaVac no Jornal Nacional: disputas políticas e impactos na divulgação científica. In: **VIII Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro - Pensacom**, CPF-Sesc-SP, São Paulo, Brasil, dez. 2021.

RECUERO, R. *et al.* **Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil**. [livro eletrônico] Relatório, resultados e estratégias de combate. 1. ed. - Pelotas, RS: MIDIARS - Grupo de Pesquisa em Mídia Discurso e Análise de Redes Sociais, 2021.

RECUERO, R.; SOARES, F. B. #VACHINA: how politicians help to spread disinformation about Covid-19 vaccines. **Journal of Digital Social Research**, v. 4, n. 1, p. 73-97, 2022.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, J. M. da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, J. M. Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, J. M. da. **O que pesquisar quer dizer**. Sulina: Porto Alegre, 2019. SUSCA, Vincenzo. Afinidades conectivas. Porto Alegre: Sulina, 2019.